



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A MULHER LIVRE DE DOSTOIÉVSKI: O FEMININO EM *O IDIOTA*

Luis Fernando Ferreira da Silva

Rio de Janeiro

2017

LUIS FERNANDO FERREIRA DA SILVA

A MULHER LIVRE DE DOSTOIÉVSKI: O FEMININO EM *O IDIOTA*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Pinto de Souza

Rio de Janeiro

2017

Silva, Luis Fernando Ferreira da.

A Mulher Livre de Dostoiévski: O Feminino em *O Idiota*.

/ Luis Fernando Ferreira da Silva. – Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

33 f.; 30 cm

Orientador: Ricardo Pinto de Souza.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) –

Universidade Federal do Rio de Janeiro,

Faculdade de Letras, Licenciatura em Letras: Português –
Literaturas, 2017.

Bibliografia: f.32.

1. Dostoiévski, Fiódor – Nastácia Filippóvna – a “louca”.

2. . Dostoiévski, Fiódor – Lisavieta Prokófievna – a “esquisita”. 3. Dostoiévski,,
Fiódor – Aglaia – a “nova aurora”.

I. Silva/ Luis Fernando Ferreira da. II. Faculdade de Letras – UFRJ. III. Título.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, minha fonte inesgotável de força e fé. Sem ele nada teria razão de ser na minha existência. Se para Dostoiévski cristo é o protótipo moral, para mim ele é não só o protótipo moral, mas também luz da minha jornada, força nas adversidades e refugio na angustia.

A UFRJ, lugar no qual cresci como profissional da área educacional e como pessoa, aprendendo a pensar a sociedade de forma mais ampla, ver o outro com respeito e empatia. E principalmente por me fazer ver que posso fazer algo para mudar a realidade de pessoas sofrem pelas dificuldades de oportunidades provocadas pelas desigualdades sociais e difícil acesso a educação e cultura.

Aos professores Ricardo Pinto e Ana Flavia, o primeiro por, logo no primeiro semestre, me fazer encantar-se ainda mais por literatura. Como pode um “inseto gigantesco” fascinar alguém a ponto de expandir enormemente a visão literária de alguém. Obrigado mestre. Com a Ana aprendi que o professor pode transformar o aprendizado de um matéria difícil desagradável em uma experiência agradável e bela.

A minha família, que de origem humilde, vê com orgulho o primeiro de sete filhos conquistar o diploma de ensino superior. Agradeço a todos, irmãos e pais, pelo apoio e incentivo. Agradeço em especial a minha mãe, que tanto se sacrificou para todos os filhos com muita dificuldade financeira, mas sempre com muito amor, carinho e honestidade.

A minha linda esposa Raquel, amiga, principal incentivadora, companheira nas lágrimas e nas alegrias. Te amo, tudo isso é por você e pela nossa família.

Aos queridos companheiros Leonardo e Fabieli que, como eu, entraram na faculdade já com família constituída, tendo que administrar faculdade e a difícil missão de não deixar os preciosos cônjuges e filhos desamparados. Somos heróis por tal façanha amigos. A Susana que até o último momento esteve ao meu lado me apoiando nos momentos de dificuldade acadêmica.

Por fim, agradeço a todos os companheiros da turma LED – 2012/1. Foram muitos momentos de alegria e angústia que vivenciamos juntos. Cada um de vocês estará para sempre na memória e no coração.

Resumo

Esta monografia procura evidenciar os aspectos do feminino em Dostoiévski, especificamente em *O Idiota*, romance publicado em 1869. Buscando, através das características das personagens e das suas ações, compreender como o autor capta as angústias, preocupações e pretensões da mulher do século XIX. A partir da leitura da obra do autor e de textos teóricos que nos ajudaram a pensar as técnicas e características composicionais do escritor russo e os aspectos históricos da situação social feminina da era oitocentista. Ao longo do trabalho examinaremos as questões femininas através das personagens Nastácia, Lisavieta e Aglaia, considerando como suas atitudes e pensamentos refletem ou não a busca pela liberdade da mulher. Por fim, buscaremos entender como a mulher do século das revoluções sociais está representada nesse grande romance de Fiódor Dostoiévski.

Palavras-chave: Fiódor Dostoiévski; literatura russa século XIX; o feminino em *O Idiota*; mulher; liberdade feminina; feminismo; realismo russo; personagem feminina.

Abstract

This work aimed to evidence the aspects of the feminine in Dostoévski, specifically in *The Idiot*, a novel published in 1869. Seeking, through the characteristics of the characters and their actions, to understand how the author captures the anxieties, worries and pretensions of nineteenth century women. After reading the author's work and the theoretical texts that helped us to think about the techniques and characteristics of the Russian writer and the historical aspects of the social situation of the nineteenth century. Throughout the work we will examine the feminine questions across characters Nastácia, Lisavieta and Aglaia, speculating how their attitudes and thoughts reflect or not the search for women's freedom. Finally, we will try to understand how the woman of the century of social revolutions is represented in this great novel of Fiódor Dostoévski.

Key-words: Fiódor Dostoévski; Russian literature 19th century; The feminine in *The Idiot*; woman; Women's freedom; feminism; Russian realism; Female character.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. Nastácia Filíppovna – a “louca”	11
2. Lisavieta Prokófievna – a “esquisita”	24
3. Aglaia – “a nova auroara”	27
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	32

Introdução

O século XIX foi marcado por guerras e revoluções que deram início a mudanças políticas, sociais e econômicas ao redor do globo. Esses movimentos, inspirados por ideais liberais e libertários, tiveram como marco a Revolução Francesa cuja principal motivação foi a insatisfação da população com a degradante situação que certas camadas da sociedade vivenciavam. Tanto as revoluções que se espalharam pela Europa quanto os movimentos libertários dos territórios colonizados das Américas estavam impregnados da imperiosa necessidade de mudança da estrutura social vigente e, em ambos cenários, evidencia-se a importância da figura feminina na busca pela nova ordem social. A mulher, que até então tinha influência e importância restritas ao ambiente familiar, surge no meio público com força e relevância jamais vistas. Elas marcaram presença nas frentes de lutas, nas reuniões e nos planejamentos, mas Michelle Perrot diz que “... pelo que diz respeito às mulheres poderá, no entanto, notar-se que uma revolução, tal como a guerra, pode chamá-las a executar certas tarefas, sabendo porém, de seguida, dispensá-las, com maior ou menor rapidez.” (FRAISSE, PERROT, 1991a, p.9), ou seja, apesar da contribuição na luta o pós-conquista lhes rendeu o retorno ao anonimato e à rígida ordem social da vida familiar. Não importavam os feitos das mulheres: planejamento de ações, tratamento de feridos, atividade a frente de protesto, no fim os créditos foram sempre legados aos homens. Entretanto, foi plantada nesse período a semente que, pouco depois, geraria o feminismo, movimento cujo objetivo primordial é alcançar a igualdade entre os sexos. Sobre isso Michele Perrot afirma que “A revolução francesa é o momento histórico em que a civilização ocidental descobre que as mulheres podem ter um lugar na cidade.” (FRAISSE, PERROT, 1991a, p.42).

Partindo dessa descoberta da potencialidade da ação feminina na esfera pública e do início da luta pela igualdade de direitos entre os sexos, examinaremos três das personagens femininas do livro *O Idiota*, do escritor russo Fiódor Dostoiévski. Nesse contexto histórico-social centro-europeu, era inevitável que o pensamento liberal, que permeou os movimentos revolucionários do século XIX chegasse ao leste europeu, e improvável que o autor não percebesse essas ideias surgindo a seu redor. Mesmo não se concretizando em movimentos de grandes proporções ou manifestações coletivas audíveis nessa região, Dostoiévski pode ter captado um clamor crescente pela liberdade da mulher e por mudanças na sociedade russa. Esse autor, extremamente importante no meio literário, que coloca no foco estilístico dos seus

romances a polifonia, admirador de Flaubert¹, em especial o romance *Madame Bovary*, traz na sua obra personagens femininas fortes, dotadas de desejos de mudanças e inconformadas com uma sociedade extremamente falocêntrica. As personagens femininas do universo dostoiévskiano exercem sobre os heróis dos respectivos romances certo domínio, ou influência, que as tornam co-protagonistas e, há vezes, mais decisivas para os enredos que os próprios personagens centrais masculinos. No romance a ser analisado buscaremos em Nastácia Filíppovna, Lisavieta Prokófievna e Aglaia (filha de Lisavieta) evidências desses sentimentos e comportamentos libertários manifestados em níveis e formas distintas nessas mulheres. Com isso poderemos perceber como o autor retrata o comportamento da sociedade da sua época e como as tendências de mudanças que surgem como pensamentos e ideias embrionárias na sociedade russa convertem-se em ações nas páginas do seu romance.

Na trama de *O Idiota* o príncipe Míchkin, herói da história, é um personagem que nutre amor e compaixão por todos que cruzam seu caminho, principalmente Nastácia Filíppovna, a quem o jovem nutre quase que uma devoção cega. Ele estabeleceu também relações muito próximas com a família do General Iepántchin, cuja filha mais jovem cativou o coração do rapaz. Tem-se, portanto, Nastácia um personagem “da galeria dos humilhados e ofendidos” (BEZERRA, 2002 apud DOSTOIÉVSKI, 2002, p11) e Aglaia, filha mais nova de uma família tradicional e estruturada, envolvidas em uma trama amorosa. A princípio parece se tratar da dicotomia milenar da “mulher da vida” x moça de “casa honrada”, mas sabemos que cada situação dos romances de Dostoiévski são muito mais pormenorizadas e vão muito além de dicotomias simples. O narrador, falando sobre a repercussão dos acontecimentos narrados, já nos mostra que pode haver muito mais ideologia por traz de uma atitude do que podemos supor:

[...] o inepto jovem realmente amava sua noiva, a filha do general, mas desistiu dela unicamente por niilismo e em função de um escândalo iminente, para não se negar o prazer de casar-se diante de toda a sociedade com uma mulher decaída e assim demonstrar que, em suas convicções, não havia mulheres perdidas nem beneméritas, havia apenas uma única mulher livre; que ele não acreditava na divisão da mulher em antiga e mundana, mas acreditava unicamente na “questão feminina”. (DOSTOIÉVSKI, 2002. P.639).

¹ “Dostoiévski leu o romance de Flaubert em 1867 por recomendação de Turguêniev, que a ele se referiu como a melhor obra “de todo o mundo literário nos últimos dez anos”. (Nota da edição de *O Idiota*, 2002, pág. 668.).

Não entraremos no mérito das escolhas do Príncipe, mas tencionamos vislumbrar os aspectos dessa história atentos aos atos das mulheres envolvidas, buscando entender suas escolhas com ajuda dos aspectos socioculturais, históricos e composicionais utilizados pelo autor. Veremos, por exemplo, que aquela que rotularam de “decaída” só o recebe por que resolveu romper com certos preceitos que aos olhos do povo não podem ser desrespeitados, e que a “benemérita” só se mantém assim por não expor a opinião pública seus atos de rebeldia contra as regras do “bom costume” da mulher do século XIX. Portanto, buscaremos nessas mulheres de *O Idiota* as ideias que permeiam a busca pela “mulher livre”, forte e perseguidora do próprio destino e, para alcançar tal objetivo, dedicaremos mais tempo e espaço à Nastácia Filíppovna, já que, no nosso entendimento, Nastácia representa as ideias postas em prática no presente da narrativa, e complementaremos a discussão com Lisavieta que simboliza as ideias do passado e Aglaia cujas ideias libertárias ainda não foram completamente postas em prática. Além disso, o tema da nossa discussão é mais abrangente na primeira personagem, cujo papel de coprotagonista do romance é facilmente aplicável. Por fim, reuniremos as conclusões sobre essas personagens, observando as consequências das ações dessas mulheres e a forma como cada uma age para atingir suas metas. Através disso poderemos entender um fragmento do complexo universo feminino de Fiódor Dostoiévski.

1. Nastácia Filíppovna – a “louca”

À mulher daquele século cabia comandar o funcionamento do lar, zelar pela educação dos filhos, administrar as tarefas diárias dos criados e, em alguns casos, cuidar das questões financeiras da casa. Essas eram as atribuições basilares delas no século XIX, ao menos para as mulheres das classes financeiramente abastadas, todas restritas ao universo privado e sempre devendo obediência cega ao marido. Estar em desacordo com essas práticas representava um enorme desajuste social e, certamente, os rótulos mais pejorativos possíveis eram dedicados a esse indivíduo. À nossa personagem coube o desígnio de “louca” em diversos momentos do romance e alguns personagens a rotularam com esse termo, justamente por ter atitudes bem distintas das suas contemporâneas. Para as pessoas daquela época uma mulher fora da estrutura familiar é uma mulher fora do alcance das regras da sociedade, suscetíveis a tudo que há de ruim estando sem o “controle e a supervisão masculina”, Segundo Michelle Perrot “Contra as mulheres devotas e obscurantistas, demasiado suscetível ao sentimento, tentadas pela paixão, espreitadas pela loucura, o pai – o homem – deve sustentar os direitos da inteligência.” (PERROT, 2009c, p.112). Sem “eles” as mulheres correm esses riscos que Perrot cita, e Nastácia, diriam os vigilantes dos “bons costumes”, estava sendo “espreitada pela loucura” bem de perto. Mas o que para a sociedade parecia loucura, nós podemos ver como força, como tomada de controle da própria existência, como uma mulher que busca a liberdade irrestrita. Afanassi Ivánovitch Totski, homem que assume a educação e o sustento de Nastácia e da irmã após uma tragédia na família delas, percebe que a moça estava mudada:

[...] Por outro lado, a experiência e a visão profunda das coisas sugeriram a Totski, com muita brevidade e uma certeza extraordinária, que agora ele estava diante de um ser absolutamente fora do comum, precisamente daquele ser que não só ameaça mas sem falta cumpre e, o principal, não se detém terminantemente diante de ninguém, ainda mais porque não aprecia decididamente nada no mundo, de sorte que nem seduzi-lo é possível. Pelo visto, aí havia algo diferente, pressupunha-se alguma coisa intragável de alma e de coração – algo como uma indignação romântica sabe Deus com quem e por que, como um insaciável sentimento de desprezo totalmente fora de medida -, em suma, algo extremamente ridículo e inadmissível numa sociedade decente. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.65)

Nastácia até então vivia em uma “aldeola” na companhia de uma grã-senhora, uma velha governanta e uma criada de quarto jovem. Nesse tempo a moça já tinha mais de 16 anos,

antes, dos 12 aos 16 anos de idade, foi educada por uma preceptora idosa na fazenda de Totski. No evento menciona na citação acima, Nastácia ficou sabendo que seu tutor planejava casar-se, ela “Sem pensar duas vezes, largou sua casinha da aldeola e apareceu subitamente em Petersburgo, direto na casa de Totski, inteiramente só.” (DOSTOIEVSKI, 2002, p.64), com o intuito de atrapalhar os planos do homem, porque “assim ela queria”. Portanto Nastácia já começava assumir posturas que a levariam, mais tarde, a condição de livrar-se das rédeas de seu tutor e seguir seu destino de mulher livre. Entretanto, a sociedade oitocentista não via com bons olhos tal liberdade, permitir que a mulher se liberte do controle masculino equivalia, para eles, a permitir que o povo livre-se do poder do Estado. Bonald, discursando contra o divórcio na câmara dos deputados francesa, diz que “Reforçai o poder doméstico, elemento natural do poder público, e consagrai a total dependência das mulheres e dos filhos, garantia da obediência constante dos povos.” (BONALD, 1815, apud PERROT, 2009b, p.85). A liberdade feminina incomoda não só o Estado, mas também a família burguesa. Exemplo disso é a preocupação de Lisavieta com as filhas resistentes ao casamento, tanto que ela acusa a filha mais jovem, a mais revolucionária no que tange a liberdade feminina, de ser adepta do niilismo², de ser contra as normas de conduta moral e contra o Estado. Apesar de haver maioria partidária da restrição da liberdade da mulher, alguns pensadores como Charles Fourier, Prosper Enfantin, Claire Démar e Théodore Dézamy defendiam a liberdade irrestrita. Dézamy declarava “Não à educação doméstica! Não ao familismo! Não à dominação marital! Liberdade das uniões! Igualdade plena entre os sexos! Liberdade de divórcio!” (DÉZAMY, década de 40, apud PERROT, 2009b. p.87). Portanto, fica claro que atitudes como as de Nastácia eram incomuns na sociedade. Vemos, através da percepção de Totski, uma personagem que decididamente não se importa com “nada no mundo”, que possui “sentimento de desprezo”. Mas o mundo que Nastácia despreza é aquele cujo poder e privilégio é legado aos homens e o fato de perceber isso e expressar sua indignação a torna-a, como conclui o próprio Totski, uma mulher “incomum”. Uma pessoa assim não se importa com o que os outros pensam a seu respeito, não liga para regras de conduta social, ela fixa suas metas e as busca. Uma pessoa assim está sujeita um tipo de comportamento social “inadmissível”, mas, sem dúvidas, não é uma “pessoa ordinária”, que segundo o próprio romance *O Idiota*, é uma pessoa comum, incapaz de ideias próprias, atos determinantes e inovadores. Para o narrador:

² Doutrina, difundida particularmente na Rússia oitocentista, que não aceita nenhuma coerção sobre o indivíduo, que nega a necessidade do Estado (nihilismo político ou anarquismo) – (Definição do *Dicionário Digital da Porto Editora*, 2017).

De fato, não existe nada mais deplorável do que, por exemplo, ser rico, de boa família, de boa aparência, de instrução regular, não tolo, até bom, e ao mesmo tempo não ter nenhum talento, nenhuma peculiaridade, inclusive nenhuma esquisitice, nenhuma ideia própria, ser terminantemente como todo mundo. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.518).

Dostoiévski começa a quarta parte do romance falando desse tipo de pessoas para tratar melhor de personagens que são importantes para o enredo da sua história, mesmo sendo comuns e ordinárias elas são, segundo o autor “elo indispensável” nas questões diárias. E Nastácia tem como principal característica não ser “como todo mundo”. Aliás, raras são as mulheres na obra de Dostoiévski que poderiam ser chamadas de “pessoas ordinárias”. Sonia, Natália Vassílievna, Varvara Pietrovna, entre outras, são mulheres que esbanjam força e personalidade na obra do escritor russo. Mas Nastácia eleva a “esquisitice” e as peculiaridades a níveis altíssimos, pois só assim ela poderia romper com amarras sociais tão resistentes. Não por acaso, em cartas a um amigo, Dostoiévski revela que Nastácia é a personagem da qual ele tinha a ideia mais pronta desde que começou a escrever o romance. Portanto ela já estava predestinada a ser uma pária, estar em desacordo, romper com tudo. Mikhail Bakhtin afirma que “A heroína do romance, Nastácia Filippovna, também se exclui da lógica habitual da vida e das relações vitais. Em tudo e em toda parte ela sempre contraria a sua posição social. Mas se caracteriza pela depressão, não tem integridade ingênua. É “louca”. ” (BAKHTIN, 2010, p.200). Ele usa o termo “também” por que na ocasião ele está afirmando que Míchkin se encaixa na mesma tipologia comportamental de Nastácia em se tratando de quebrar a “lógica habitual”, tanto que o príncipe com toda sua compaixão incomum é tratado como “idiota” assim como Nastácia é “louca” pelo seu comportamento social não condizente. Apesar de ser fora da “lógica habitual” não podemos pensar que esses personagens são ilógicos, ou ficcionais demais para a realidade que Dostoiévski enxergava a época da composição do livro. O autor, além de valer-se de suas habilidades de jornalista na sua carreira de romancista, se considerava um escritor realista, e afirmou, em carta, “Tenho minha própria ideia de arte: O que a maioria das pessoas entende como fantástico ou como falta de universalidade, eu tomo por algo próximo a suprema essência da verdade.” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.156). Portanto, não é nenhum absurdo entendermos as atitudes de Nastácia como sendo a “essência”, o âmago das ideias feministas daquela sociedade. Estar fora da lógica mostra que pode ser que a lógica corrente não seja mais indiscutível, e a forma extrema de romper com a lógica de Nastácia provoca a discussão e a reflexão do assunto.

O fato de Nastácia ter um comportamento demasiadamente diverso das outras mulheres da narrativa nos leva a questionar as motivações de tamanho desvio comportamental. Investigar os motivos não tem por objetivo desvalorizar o ideal libertário da personagem, mas sim ponderar se algum acontecimento a impeliu para o caminho menos sutil para alcançar seus objetivos. Mas adiante, quando tratarmos de Aglaia, veremos que o pensamento feminista libertário também é abordado no romance sem agredir abertamente e de imediato o censo comum social da época. Quanto a nossa heroína, já começamos a conhecê-la antes mesmo da sua primeira aparição efetiva no romance. Vemos Nastácia pelo olhar de terceiros. Logo na cena inicial Rogójin e Liébediev falam sobre ela para o príncipe Míchkin. Todos sabem algo sobre Nastácia, falam dela, “adivinham” coisas a seu respeito. Afanassi Ivánovitch, por exemplo, “tinha adivinhado os seus sonhos; ela gostaria de renascer, ao menos no amor, na família, depois de tomar consciência de um novo objetivo;” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.70). O General Ivólguin, chama a moça de “uma mulher ambígua” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.125). Essas são algumas das palavras dos outros personagens que tentam definir Nastácia, tentam formar uma imagem acabada e imutável, mas Bakhtin afirma, que: “O herói de Dostoiévski sempre procura destruir a base das *palavras dos outros* sobre si, que o torna acabado e aparentemente morto. Às vezes essa luta se torna importante motivo trágico de sua vida...” (BAKHTIN, 2010, p.67). Nastácia enfrenta uma luta tão intensa contra a “palavra do outro” que há vezes em que suas ações acabam por se encaminhar para a confirmação da visão dos outros. Na primeira aparição de Nastácia, na casa de Gania, rapaz que até então pretendia desposá-la, há situações desconfortantes para a família do rapaz provocadas por ela, e no final dos acontecimentos o Príncipe, dirigindo-se à moça, diz:

- E a senhora não se envergonha! Porventura é esse tipo que há pouco fez parecer? E pode ser uma coisa dessa? – gritou súbito o príncipe com um profundo e afetuoso reproche."

Nastácia Filippovna ficou surpresa, deu um risinho, mas como se escondesse alguma coisa por trás do sorriso, olhou para Gania, meio perturbada, e saiu do salão. Contudo, antes de chegar à antessala, voltou subitamente, voltou-se rápido a Nina Alieksándrovna, segurou-lhe a mão e levou-a aos lábios.

- Eu realmente não sou esse tipo, ele adivinhou – sussurrou em tom rápido, caloroso, repentinamente toda inflamada e ruborizada... (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.149)

O efeito da repreensão do príncipe mostra que agir daquela forma não era a intenção da moça, não naquele momento e não naquelas proporções. Parece que certas atitudes são provocadas pelos outros, pela tentativa de terceiros de direcionar o destino da jovem. A investida contra a

família de Gania se dá depois que fica evidente, para o leitor, que o casamento é arranjado e que o rapaz só está casando por dinheiro. Podemos depreender da declaração de Nastácia – “não sou desse tipo” – que em situação diferente ela não se portaria da mesma forma, fatores externos a fazem ter atitudes incomuns. Além disso, a luta contra a palavra dos outros transforma a personagem em alguém instável, tenso e socialmente pressionado, um indivíduo em constante mudança, “um ser inacabado” (termo cunhado por Bakhtin). No livro *Questões de literatura e estética*, Bakhtin, ao pesquisar a evolução do romance cita a mutabilidade do personagem como uma exigência característica do gênero – “3. O personagem deve ser apresentado não como algo acabado e imutável, mas como alguém que evolui, que se transforma, alguém que é educado pela vida;” (BAKHTIN, 2014, p.402) - . À nossa heroína foi garantida essa característica e a palavra dos outros é um dos motivadores da sua transformação. Essa campanha contra a verdade sobre o indivíduo dita por terceiros é o que move Nastácia, essa “verdade *à revelia*, transforma-se em *mentira* que o humilha e mortifica” (BAKHTIN, 2010, p.67) e leva os heróis de Dostoiévski a decisões impactantes e incomuns, como a confrontação com a família de Gania. Além do enfrentamento da “palavra do outro” temos que considerar a influência do passado na formação do personagem. O príncipe, com sua capacidade de “ler pessoas”, logo que se depara com a foto da moça percebe a influência de algum passado terrível: “... estou certo de que seu destino não é dos comuns. O rosto é alegre, e não obstante ela sofreu terrivelmente, não?” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.58). Mas não é qualquer evento do passado que deve ser considerado, não é a perda dos pais que muda a menina, ou a morte da irmã, esses são eventos que estão no romance para esclarecer o fato de Nastácia estar sob a tutela de Totski. Na obra de Dostoiévski o passado que importa é aquele que se relaciona diretamente com o “eu” atual do personagem, ou com suas atitudes do presente da narrativa; Bakhtin afirma que para Dostoiévski:

[...] aquilo que tem sentido apenas como ‘antes’ ou ‘depois’, que satisfaz ao seu momento, que se justifica apenas como passado ou como futuro, ou como presente em relação ao passado e ao futuro ³ secundário para ele e não lhe integra o mundo. Por isso as suas personagens também não recordam nada, não tem biografia no sentido do ido e do plenamente vivido. Do seu passado recordam apenas aquilo que para elas continua sendo presente e é vivido como presente: o pecado não redimido, o crime e a ofensa não perdoados. (BAKHTIN, 2010. Pág.32)

³ A palavra e está sem assento agudo no original.

Para Nastácia o “pecado/crime/ofensa” persistente é a desonra causada pelo seu benfeitor. Nas palavras da moça Totski aparecia “... passava uns dois meses por ano, me desonrava, me magoava, me excitava, me depravava, e ia embora – mil vezes quis me atirar no tanque, mas era vil, a alma não dava. No entanto agora...” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.205). Esse ferimento à honra da jovem é o motivo do casamento arranjado com Gania, Totski faz essa tentativa de remediar o seu feito, livrar-se da culpa na consciência e, livrar-se também, dos empecilhos que Nastácia estava provocando nos seus planos de encontrar uma esposa para si. É importante ressaltar que esse evento não é o único e principal motivo da revolução comportamental da jovem, tanto que esse assunto só aparece no trecho citado, e como uma espécie de desabafo, sem qualquer alusão a retaliação ou vingança. De qualquer forma há essa ofensa que persiste e contribui na indução da heroína a libertar-se das amarras impostas pela sociedade a mulher. Isso coloca essa personagem no plano dos “humilhados”⁴ de Dostoiévski, esses não por acaso são os centros das histórias do autor, pois eles são os mais propensos a ações dignas de nota, são indivíduos que não se encaixam no grupo das “pessoas ordinárias”⁵. O humilhado Raskolnikov⁶ que coloca em ação seu plano de assassinio, ou Pávriel Pávlovitch⁷, o marido traído que, mesmo tardiamente, confronta o amante da esposa falecida. Personagens que, como outros do autor, recorrem a atos como o crime e a confrontação para lidar com a humilhação e a ofensa que lhes foram impostas. Com nossa heroína humilhada não é diferente, assim como a “palavra do outro” a faz agir de forma extrema, a “ofensa não perdoada” provoca o radical rompimento com os padrões da sua comunidade.

Esse rompimento se concretiza e intensifica justamente na festa de aniversário de Nastácia Filippovna, quando a aniversariante resolve expor seus planos e abandonar tudo ligado ao passado humilhante – “Agora eu quero farra, eu sou da rua mesmo. Passei dez anos numa prisão, agora é a vez da minha felicidade!” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.204). Nesse momento temos a “ideia” como força motriz do personagem que a conduz a busca de um nível de liberdade muito acima da legada às mulheres do seu tempo. Mais uma vez nos valem da palavra da heroína para reforçar o ideal libertário da personagem: “Amanhã vida nova, mas hoje, no dia do meu aniversário, eu ajo a meu modo, pela primeira vez em toda a minha vida” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.188). Nesta noite de revelações, ofensas, “desfechos”

⁴ Ver nota de rodapé nº3.

⁵ Ver citação da página 4.

⁶ Personagem de *Crime e Castigo*.

⁷ Personagem de *O eterno marido*.

– palavra usada por Nastácia - e novos rumos, percebe-se a força da ideia no herói de Dostoiévski já que para Bakhtin:

A todas personagens principais de Dostoiévski é dado “pensar nas alturas e as alturas buscar”, em cada uma delas “há uma ideia grandiosa e não resolvida”, todas precisam antes de tudo “resolver uma ideia”. E é nessa solução de ideia que reside toda vida autêntica e a própria falta de acabamento dessa personagem. (BAKHTIN, 2010, p.97)

Portanto, não é absurdo pensar que as “alturas” que fazem parte da busca de Nastácia é uma espécie de vida proibida para a mulher, vida de “farras”, de assumir a rua como habitat, vida de permissividades concedidas apenas ao “sexo forte”. Walter Benjamin diz que no século XIX os heróis do mundo literário começam a ser representados por personagem marginalizados da sociedade, pessoas que tem a rua como seu “habitat” - “Os poetas encontram o lixo da sociedade nas ruas e no próprio lixo o seu assunto heroico.” (BENJAMIM, 1981, p.78). Pobres, prostitutas e trapeiros tornam-se personagens destaque nas poesias e narrativas daquele século. Também marginalizada e podendo encontrar somente na rua alguma liberdade, a lésbica é outra heroína que aparece naquela época. Walter Benjamin, falando ao tratar das poesias de Baudelaire sobre o amor lésbico, diz que o poeta francês “Refere-se a primeira heroína de Flaubert ‘Pelo que tem de mais enérgico e pelos seus objetivos de extrema ambição, mas também pelos seus sonhos mais profundos, Madame Bovary... permanece sendo um homem...” (BENJAMIN, 1981, p.90). Manter a forma feminina e adquirir características masculinas parece ser uma das maneiras de negada à mulher. Como Michelle Perrot constatou no artigo *À margem: solteiros e solitários* havia entre as atitudes de homens e mulheres solteiras, “Os rapazes devem ‘fazer suas loucuras’ e ‘viver a juventude’” (PERROT, 2009e, p.273), algo que para as moças era visto como depravação e loucura. A partir daquela noite Nastácia Filippovna segue sua ideia e abandona a casa do seu tutor, passa a viajar e conviver hora com Mickin hora com Rogójin, em suma ela passar a viver de acordo com sua vontade, que aos olhos dos outros é depravação e loucura. Esse comportamento sendo praticado por um homem solteiro não seria visto de forma alguma como loucura, mas sim como uma aventura comum aos jovens cavalheiros do século XIX. Apesar de ser incomum, no contexto daquela época, uma mulher solteira variar a sua companhia masculina mostra que a felicidade de Nastácia não estava limitada a qualquer desses homens. Rogójin em conversa com o príncipe Mickin diz: “Estou sempre com medo de que me escorracem. ‘Eu, diz ela, ainda sou senhora de mim mesma; se der vontade eu

mesma te ponho para fora, eu mesma vou para o estrangeiro.” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.246). A liberdade dela chega ao ponto de se permitir ter homens à cerca sem ser totalmente dependente deles, a ponto de ser quem comanda e domina, deixando de lado a imagem de que a mulher precisa ser “domada”, controlada e protegida pelos pais ou maridos. Diante de todo esse cenário a moça ganhou tanto admiradores quanto críticos, entretanto entre os seus seguidores estavam sempre os “aventureiros”, termo pejorativo usado no romance para desqualificar as pessoas que a seguiam, ainda assim ela tinha a sua disposição quem a defende-se e provocava inveja a todas as damas.

Toda essa complexa composição da personagem, influência de eventos passados aliado a luta contra a palavra do outro sobre si e mais a ideia, resultaram na inconformada Nastácia que luta, não só pela sua liberdade, mas também, pela liberdade de expressão e ação da mulher oprimida e proibida de tudo naquele século de tantas revoluções e mudanças tão necessárias. O incentivo a mudança e a influência que a jovem exerce sobre as mulheres não são diretos, como uma conclamação à luta ou um manifesto feminista, mas sim através do exemplo prático, do vislumbre da possibilidade de viver de uma forma diversa a ditada pela sociedade. A heroína impacta para mostrar o que há de errado, para chocar a sociedade e despertá-la da letargia regente. De fato Nastácia provocou um choque social justamente por causa de um comportamento inaceitável no seu tempo, o presente não estava preparado para esse nível de liberdade feminina. Não na concretização dessa liberdade, pois, de certa forma, essas ideias já estavam presentes na sociedade russa e Dostoiévski percebeu. Para Bakhtin Dostoiévski procurava “... auscultar também as vozes-ideias do futuro, tentava adivinha-las, por assim dizer, pelo lugar a elas destinado no diálogo do presente, das mesma forma que se pode adivinhar no diálogo já desencadeado a réplica ainda não pronunciada do futuro.”. Com esse dom de auscultar diálogos o autor pressupõe que as questões que envolvem Nastácia já estavam presentes na sociedade e iriam crescer a ponto de equiparar-se a liberdade gozada pela personagem. O lugar do tema no diálogo do presente certamente era tímido, mas, como deve ter notado Dostoiévski, crescente e inevitável. Portanto, Nastácia é o grito alto, dissonante e incomodo cujo eco inundará as discussões e ações futuras das mulheres.

Passemos, a partir daqui, das particularidades composicionais da personagem para os seus atos propriamente ditos. Para tal precisamos voltar nossos olhares para as já mencionadas mudanças sociais causadas pelas lutas e revoluções do século XIX. Este século, chamado por Geneviève Fraisse e Michelle Perrot de “Grande século pedagogo”, a educação feminina deu um enorme passo. A Rússia foi o primeiro país a abrir as escolas de ensino superior às mulheres. Em vários lugares diversas instituições educacionais foram criadas para atender o

público feminino “... mas todos resolutamente não mistos, tão grande é a vontade de especificar os sexos” (FRAISSE, PERROT, 1991b, p.145). Apesar da política sexual separatista a alfabetização da mulher avançou consideravelmente depois da Revolução Francesa. Essa revolução “Embora patriarcal, limita os poderes dos pais em vários pontos e reconhece o direito do divórcio.” (PERROT, 2009a, p.14). Apesar de tirar a carga negativa legada, até então, a vida privada os revolucionários fizeram questão de deixar claro que às mulheres cabia a vida privada e aos homens a vida pública – afirma Perrot no capítulo “Outrora, em outro lugar” do livro “História da vida privada V.4”. Essas mudanças tentaram dar a sociedade um vislumbre de outra perspectiva da busca pela felicidade. Ao dar legalidade ao divórcio, diminuir o poder patriarcal e abrir a educação às mulheres a revolução deu aval ao início do rompimento com o tradicionalismo social. Apesar de algumas mulheres absorverem essas mudanças e buscarem a felicidade fora do seio familiar, no celibato e na vivência de uma liberdade, até o momento, restrita ao universo masculino, a comunidade daquela época não recebeu bem tais mudanças. O número de divórcios dos anos seguintes à criação da lei se manteve a níveis insignificantes, Gustav Flaubert, autor de “Madame Bovary”, romance no qual a protagonista mantém relacionamentos extraconjugais, foi acusado de perverter a moral e os bons costumes. Manuais de comportamento da mulher se propagaram e fizeram grande sucesso. Para esses manuais, segundo Anne Martin-Fugier, “o quadro ideal da felicidade é o círculo familiar” (FUGIER, 2009, p.184). O sucesso desses manuais que ditavam os deveres de cada membro da família eram odes a estrutura social tradicional e uma resposta às mudanças vistas como relaxamentos dos costumes. Michelle Perrot mostra que para os tradicionalistas dar poder à mulher é permitir que “a parte fraca”-mulher- se insurja contra a autoridade do marido, e sendo a família uma representação em escala menor da sociedade, tal comportamento pode insuflar a insurgência do povo contra seus governantes. Para ilustrar essa preocupação tradicionalista Perrot cita um trecho de um discurso contra o divórcio na câmara dos deputados francesa: “Para retirar o Estado das mãos do povo, é preciso retirar a família das mãos das mulheres e dos filhos.” (BONALD, 1815, apud PERROT, 2009b, p.85). Na contra mão desse pensamento Charles Fourie acredita que “A ampliação dos privilégios das mulheres é o princípio geral de todos os progressos sociais.” (FOURIE, apud PERROT, 2009b, p.87). Diante desse princípio fourierista cabe questionar os progressos da Revolução Francesa, mas devemos admitir que, mesmo com ressalvas e receios, os revolucionários tentaram implementar mudanças bastante ousadas em uma sociedade ainda muito presa a tradição patriarcal. É esse o cenário social de mudanças e resistência do século XIX concernente a questão feminina. Dedicamos um espaço amplo para a situação e

importância da família naquele contexto social, pois é justamente com essa estrutura que ocorre o principal rompimento de Nastácia Filippovna.

No dia do seu aniversário, a heroína recusa pedidos de casamento, abandona o estilo de vida burguês provido pelo seu tutor e parte com o homem de sua escolha e uma turba diversa em busca da felicidade. A moça faz o que de acordo com Perrot é a ideia de liberdade da comunidade ideal de Fourier: “Fourier defende uma igualdade completa no falanstério, com funções intercambiáveis, total liberdade na escolha dos companheiros carnais, casamento em idade mais adiantada, podendo ser facilmente desfeito.” (PERROT, 2009b, p.87). Nastácia tem a liberdade de escolher entre três pretendentes e apesar de inicialmente optar por Rogójin, ela alterna períodos de convivência com ele e Míkhin. Além de escolher seu parceiro livremente ela rompe e reatar de acordo com sua vontade. Outro fator importante na dinâmica dos relacionamentos conjugais tratado naquela noite fatídica, de certa forma, foi o dote. As tramas de dois de seus pretendentes tinha dinheiro envolvido. Gania receberia certa quantia de Afanassi Ivánovitch para casar com Nastácia. Rogójin é desafiado pela moça a conseguir cem mil rublos em curto espaço de tempo para que sua proposta fosse considerada –“O dinheiro é meu! Eu o peguei por uma noite com Rogójin.” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.205) disse a moça. Por fim, naquela noite fatídica, na qual ambos pretendentes estavam Nastácia recebe de Rogójin o pacote com o dinheiro e lança-o ao fogo, insuflando Gania, o jovem que receberia o dote, a lançar-se ao fogo em busca do dinheiro. Pinta-se, portanto, um quadro apologético à imagem da mulher livre das amarras do casamento de “conveniência”, queimando o – dote - dinheiro de Trotski, e, simbolicamente, o pretendente por ele escolhido. Além disso, Nastácia estava em condição vulnerável diante dos olhos daquela sociedade, ela não estava mais em posição de filha, mãe ou irmã, lugares reservados à mulher burguesa do século XIX. Segundo Cécile Douphin esse foi um século terrível para a mulher fora desse eixo familiar:

Virago, lésbica, amazona, puta, ‘*grisset*’, ‘meia azul’... As conotações pejorativas da mulher sozinha não tem fundamento real e circulam em toda a cultura ocidental. Mas a construção literária da personagem da solteirona e o uso banalizado do estereótipo pertencem exclusivamente ao século XIX. (DAUPHIN, 1991, p.492)

Com Nastácia não foi diferente, esses termos pejorativos também a seguiram na sua trajetória de mulher de livres escolhas. Além de louca a moça foi chamada de “mulher de vida fácil”, “mulher perdida” e “decaída”. Ainda falando sobre a “mulher só” e os registros literários dessa personagem Douphin diz que

A partir do momento que se perfila um retrato de mulher só, não há registro que não faça referência a um desvio relativamente ao ideal feminino, ideal definido por um estatuto jurídico, uma concepção do amor, um determinismo biológico e um código de beleza feminina. (DAUPHIN, 1991, p.492)

Apesar de está sempre na companhia de Rogójin ou Míchkin se adéqua às palavras de Douphin justamente por estar fora do ideal feminino adotado por aquela sociedade. Como já foi mencionado, os manuais de conduta daquele século afirmavam que o único papel aceitável para uma mulher burguesa desempenhar era no lar. E Nastácia, ao contrário do que ditam os manuais, decide viver um tempo de vida que só era aceitável quando praticado por jovens do sexo masculino, “... tempo da educação sentimental e carnal, quando tudo é permitido.” (PERROT, 2009e, p.273). A moça leva tão a sério o “tudo é permitido” que há relatos de sua presença em uma orgia em uma estação de trem. Mas de fato o que mais se destaca no comportamento de Nastácia é o fato de estar sempre trocando de companhia masculina, revezando entre dois de seus admiradores, e também se destaca o ato de prometer casamento e abandoná-los pouco antes da consumação. Para ilustrar esse comportamento da moça acompanhemos um trecho da fala do Príncipe em diálogo com Rogójin:

Quando teu casamento estava se realizando em Moscou eu não te atrapalhei, tu sabes. Pela primeira vez ela se precipitou para mim, quase na hora do casamento, pedindo que eu a ‘salvasse’ de ti. Estou te repetindo as próprias palavras dela. Depois ela fugiu também de mim, e tu mais uma vez a encontraste e a levaste ao altar, e eis que andam dizendo que ela tornou a fugir de ti para cá[...] (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.244)

Essa conversa ocorre em encontro no prédio “sombrio”, na avaliação do príncipe, no qual vive a família de Rogójin. Depois desse encontro essa dinâmica da fuga para os braços do outro aconteceria mais vezes no romance. Vemos nessa ação recorrente da personagem que não se trata do ato celibatário como rebelião ao “determinismo biológico” de que trata Dauphin e Perrot, mas sim certa resistência à estrutura familiar padrão, de voltar às normas de conduta da mulher que a lega o dever da obediência ao marido. Talvez possamos também acrescentar como causa das constantes fugas do matrimônio o medo de voltar a estar legalmente ligada a um homem, pois as lembranças da vida com Trótski, como já mencionado, é um dos elementos formadores da personagem. O fato nessa questão é que podemos perceber que Nastácia é capaz de libertar-se da destinação de função de esposa, pode viver sem casamento,

mas está sempre acompanhada de algum homem. Michelle Perrot fala a respeito desse questionamento da possibilidade da vida sem homens:

Existirá um equivalente feminino do dandismo, um celibato escolhido e livremente vivido? O mundo das atrizes, tão mal conhecidas em sua intimidade, certamente ofereceria exemplos disso. Todavia, se para mulher é possível se libertar do casamento, emancipar-se dos homens já é bem mais difícil. Algumas cortesãs de alto voo tentam reverter a galanteria em proveito próprio. (PERROT, 2009e, p.273)

Certamente Nastácia mantém os homens por perto, mas é ela quem os controla, eles sempre estão dispostos a fazer qualquer coisa por ela ao contrário da ordem padrão dos relacionamentos homem-mulher da época, quando quem deve obediência cega é a mulher. E, se usarmos o exemplo que Perrot menciona da reversão da galanteria, podemos dizer que essa foi uma ferramenta bem utilizada por Nastácia, já que mesmo com tantas desfeitas, promessas descumpridas e instabilidade da preferência amorosa os seus pretendentes estão de tal forma a ela fidelizados que em momento algum cogitam rejeitar ao chamado da moça. Podemos afirmar, também, sobre essa dependência masculina da heroína é que havia a inviabilidade da moça garantir o próprio sustento sem ajuda. Apesar do mercado de trabalho abrir espaço para mão de obra feminina e de Nastácia aventar a possibilidade de tornar-se assalariada – “... o melhor é ir para rua que é o meu lugar! Ou cair na farra com Rogójin, ou amanhã mesmo ir trabalhar de lavadeira! Porque em cima de mim não há nada de meu;” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.196) – esse tipo de função só cabia às mulheres de classes populares, além disso, não se pagava muito a elas, o salário era apenas uma complementação ao salário dos maridos, geralmente, operários mal remunerados. A dona de casa pobre “... se esforça em trazer para a família uns ‘trocados’, obtidos, sobretudo com tarefas domésticas: faxinas e lavagens de roupa, sistematicamente cumpridas pelas ‘lavadeiras por peça’ dos lavadouros...” (PERROT, 2009c, p.132), ou seja, o dinheiro proveniente desse trabalho não seria suficiente para a total independência da moça. Apesar de Nastácia não ter seguido por esse caminho, essa abertura do mercado de trabalho para as mulheres, mesmo que a princípio não tenha possibilitado a independência financeira feminina, iniciou o processo que possibilitaria a vida sem a dependência masculina. Segundo Fraisse:

O capitalismo moderno, ao dissolver a família proprietária, e ao colocar as mulheres no mercado de trabalho (como produtoras para lá da sua função de reprodutora), retira-as do lugar da propriedade privada familiar e com isso inicia, sem o saber, um processo de libertação das mulheres. (FRAISSE, 1991, p.79)

Além de não haver a possibilidade de manter-se financeiramente apenas com seu próprio trabalho, estando a moça na posição de completa independência dos homens e trabalhando em ocupações mal remuneradas a mudança de seu patamar econômico seria inevitável. E algumas das atitudes dela não repercutiriam tanto no meio popular quanto na burguesia, já que “A dona de casa popular não muitas tem papas na língua. Muitas vezes é uma rebelde, tanto na vida privada quanto na vida pública. E não raro paga um alto preço por isso, como alvo principal de violências que podem chegar ao crime passionai.” (PERROT, 2009c, p.133). Ou seja, excetuando o repúdio ao casamento, os atos de rebeldia de Nastácia não surpreendem tanto as mulheres de classe econômica baixa, acostumadas a falar e agir de forma mais livre que a mulher economicamente abastada. Nastácia espelha a rebeldia da “dona de casa popular” na burguesia e paga o “alto preço” mencionado na segunda parte da citação. A moça sofre seu terrível destino nas mãos de Rogójin. “‘A mulher morre se não tem lar nem proteção’, diz Michelle com piedade; [...]. Fora do lar e do casamento não há salvação.” (PERROT, 2009e, p.277). Essa era a realidade daquele tempo e o autor, que se autodeclarava realista, não daria uma conclusão distinta. Há também a ciência do fato⁸ de Dostoiévski ter lido *Madame Bovary* no ano que começou a escrever *O Idiota*. Diante desses fatos e sabendo do trágico desfecho do celebre romance francês não é totalmente inesperado o destino da “rebelde” russa. Já bem próximo do fim do romance o príncipe Míckhin, a procura de Rogójin e Nastácia, entra no quarto que ela havia ocupado e vê o livro de Flaubert aberto sobre uma mesinha de leitura. Certamente um prelúdio do que as páginas seguintes do *Idiota* reservariam. Os atos de Nastácia cobriam um preço tão alto quanto o pago por *Bovary*, e não raro também pago pelas donas de casa das classes populares do século XIX. Em suma, apesar do fim terrível, Nastácia, com todas essas ações incomuns a sua classe e sexo, tenta reafirmar todo o tempo a ideia de ser senhora de si mesma. Sempre fazendo o que sua vontade ordena, buscando em toda essa liberdade “reprovável” a felicidade que não encontrou no lar tradicional burguês. Essa jovem reverbera a voz da rebeldia no presente da narrativa de *O Idiota*. Mas e quanto ao passado? Poderia ter existido algum rumor de insatisfação e rebeldia feminina? Fiódor Dostoiévski nos permitir, através de Lisavieta Prokofíevna, ver como a mulher de da geração anterior à Nastácia tentou dar forma ao ideal libertário.

⁸ Ver nota de rodapé nº3.

2. Lisavieta Prokófievna – a “esquisita”

Lisavieta é mãe de três filhas, casada com um general que construiu sua fortuna a partir do dote da noiva – cinquenta almas. Portanto, era uma família tradicional burguesa embora emergente. Para essa personagem, o grande drama da sua vida era relacionado às suas filhas que, na sociedade, “... eram objeto de elogios excessivamente numerosos. Mas também havia referências malevolentes. Falava-se com horror de quantos livros haviam lido. De casar-se não tinham pressa;” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.36), colocavam em risco a posição que sua família havia conquistado na sociedade. Naquela época “A família não é apenas um patrimônio. É também um capital simbólico de honra. Tudo que arranha sua reputação, que mancha seu nome, é uma ameaça.” (PERROT, 2009d, p.250). Michelle Perrot menciona, também no capítulo do qual foi extraída a citação anterior, que a desonra vem através das mulheres, e no caso da família de Lisavieta são três, adultas e voltadas para essas “ideias novas”, segundo a própria mãe. Essa personagem, típica dona de casa burguesa, administradora do lar, é cumpridora do papel principal no lar, pois, de acordo com Anne Martin-Fugier:

O papel principal cabe à senhora do lar, encarregada de fazer funcionar a vida privada tanto na intimidade familiar – cerimônias cotidianas das refeições e serões junto à lareira – quanto as relações da família com o mundo exterior – organização da sociabilidade, visitas, recepções. Ela deve reger o curso das tarefas domésticas de maneira que todos, o marido em primeiro lugar, encontrem em casa o máximo de bem estar. (FUGIER, 2009, p.184)

Apesar de nem sempre prover o bem estar do marido no lar, já que por diversas vezes o general Iepántchin mostra-se oprimido pela esposa, ela está sempre promovendo eventos na sua casa, quase sempre para propiciar o encontro de suas filhas com pretendentes a matrimônio. Mas, o que fato se destaca nessa senhora são os constantes indícios de que, no passado, seu comportamento se assemelha com o de suas filhas, mais precisamente Aglaia. Em diálogo com Míchkin, Lisavieta chama a filha de “despótica, louca, mimada – se apaixonou, e imediatamente começa a xingar em voz alta e a zombar na cara;” e logo depois afirma: “eu era mesmo assim.” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.359). Mais a frente, ela usa mais adjetivos pejorativos para qualificar a filha e igualar ao seu comportamento na juventude: “É exatamente, exatamente como eu, o meu retrato em todos os sentidos – Dizia de si para si Lisavieta Prokófievna – voluntariosa, um demoninho detestável! Niilista, esquisitona, louca,

má, má, má! Oh, Deus, como vai ser infeliz!” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.373). Percebemos nesse trecho que Lisavieta viveu seu período de rebeldia, mas se adequou ao padrão da sociedade e agora se preocupa com a filha, pois se a menina não seguir o “padrão” como ela o fez, a infelicidade será inevitável. Chama a atenção, também, o a palavra “louca”. Constantemente atribuído à Nastácia, o termo parece ligar-se aquelas que se recusam a portar-se conforme o padrão tradicional. A doença mental, propriamente dita, que segundo Perrot ganhou “consistência” no século XIX, representava grande ameaça à família tradicionalista, pois “Uma jovem perturbada corre o risco de perder os pretendentes para suas irmãs. Envergonha seus familiares, introduzindo uma dúvida quanto ao equilíbrio deles.” (PERROT c, 2009d, p.254). Um caso desses faria estrago considerável na casa dos Iepántchin dada as pretensões e preocupações da matriarca da família. Mas quando se trata de Lisavieta, “esquisitona” é a palavra que a marca. Sabemos que apesar da sociedade a aceitar, consideravam-na uma “esquisitona”, e o seu grande temor é que suas filhas herdem esse rótulo:

O que mais a atormentava era a desconfiança de que suas filhas também viessem a ser ‘esquisitonas’ tal qual ela, e que moças assim não existiam nem poderiam existir no mundo. ‘Os niilistas estão aumentando, e só’ – dizia consigo a cada instante. No último ano e, principalmente, bem nos últimos tempos esse pensamento triste passou a se consolidar mais e mais nela. ‘Em primeiro lugar, por que elas não se casam?’ – perguntava-se a todo momento. ‘Para atormentar a mãe – é nisso que elas veem o objetivo da sua vida e isso, é claro, é verdade, porque tudo são essas ideias novas, tudo é essa maldita questão feminina!’ (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.370)

Ao se aprofundar mais na personalidade da personagem, o narrador nos ajuda a perceber que, para a matriarca Iepántchin, esquisito é portar-se de forma “voluntariosa” e “despótica” como Aglaia, ou estar ainda solteira aos 25 anos como a filha mais velha. Lisavieta não quer esse rótulo para as filhas e vê como única chance de salvação o casamento, já que “Solteira, a mulher é *fille* ou ‘permanece *fille*’, ou seja, nada; ou pior, ela se torna uma ‘velha *fille*’, uma ‘anormal’, uma ‘desclassificada’ (condessa Dash).” (PERROT, 2009e, p.272). Não há, para a mãe burguesa, nada pior que ver suas filhas condenadas a vida de solteira, vê-las tornando-se “anormais” perante a sociedade. O alívio de Lisavieta é ver que ao menos uma das filhas vai casar e deixar de ser “anormal” – “Finalmente o sol ia nascer também para o coração materno; ao menos uma filha; ao menos Adelaida finalmente estará com a vida arranjada.” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.371). Com exceção da filha do meio, as outras parecem partilhar

das mesmas “ideias novas” que norteiam Nastácia Filíppovna. Principalmente Aglaia, filha mais jovem que parece repudiar a prisão feminina intitulada casamento. Lisavieta apesar de, quando jovem, ter apresentado os mesmos sinais de rebeldia da filha mais nova, acabou cedendo à cultura tradicional, constituindo família e passando a reproduzir com as filhas a pressão e opressão que, provavelmente sofreu pelos seus atos antecedentes ao matrimônio. Diferente da mãe, Aglaia não pensa estar fadada ao sofrimento por causa dessa ideia e, diferente também de Nastácia, não planeja um rompimento tão imediato e radical com a sociedade tradicional. Mas ela não abre mão do ideal libertário, sua liberdade está no amanhã.

3. Aglaia – “a nova auroara”

A mais bela e jovem das filhas do general Iepántchin, para o Príncipe Míckhin, “É quase como Nastácia Filíppovna, embora o rosto seja de todo diferente!...” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.104). E sendo a aparência diferente, onde estaria a característica que Míckhin diz “quase” igualá-las? A rebeldia e certos comportamentos que evidenciavam o repúdio as restrições do que era permissivo à mulher, certamente são aspectos que aproximam as personagens. Também poderia ser algo que uma pessoa comum não enxergaria, já que o jovem protagonista tinha a capacidade de ler de forma especial e inequívoca as pessoas, o príncipe pode ter, assim como o autor fez com a sociedade do seu tempo, percebido em ambas a força da causa feminista. Mas o que de fato sabemos que elas compartilhavam eram as ideias e, como afirma Mikhail Bakhtin, a ideia na obra de Dostoiévski se constrói coletivamente:

A ideia, como a considerava Dostoiévski-artista, não é uma formação psicológico-individual subjetiva com ‘sede permanente’ na cabeça do homem; não, a ideia é interindividual e intersubjetiva, a esfera da sua existência não é a consciência individual, mas a comunicação dialogada entre as consciências. (BAKHTIN, 2010, p.98)

De fato a ideia que elas tinham em comum certamente surgiu do coletivo das pessoas daquela época, insatisfeitas e incomodadas com a diferença de tratamento dos sexos. Aglaia, incomodada desde a adolescência com as condições e restrições da mulher, toma conhecimento das atitudes de Nastácia e, de certa forma, acabam por refletindo nas ideias de liberdade já em formação no consciente da moça. A menina não rompe com a sociedade da mesma forma drástica que Nastácia, não provoca escândalos públicos e não tenciona viver entre dois homens, mas assim como a protagonista ela repudia o casamento e, no ambiente familiar, a rebeldia é constante. Aglaia recusa um pedido de casamento e logo em seguida pede ao Príncipe que fuja com ela. Este último fator nos leva a outra semelhança dos atos da jovem Iepántchina com os de Nastácia Filíppovna Há, nesse caso com no primeiro, a impossibilidade da mulher manter-se economicamente⁹ forçando a presença do homem no processo de libertação delas. Aglaia vê no príncipe a possibilidade de buscar a felicidade sem

⁹ Como mencionado no primeiro capítulo, Perrot afirma que o salário pago às mulheres é para complementar a renda da família, cujo principal provedor deve ser o homem. A mulher recebe “trocados” (PERROT, 2009c, p. 137).

o risco de danos tão grandes quanto os que acometeram Nastácia. Naquela geração estava a insatisfação aliada à possibilidade de ação. A insatisfação finalmente as movia. Podemos perceber mais dessas insatisfações na voz de Aglaia discursando ao Míckhin:

Eu quero ser corajosa e não ter medo de nada. Não quero ir aos bailes deles, eu quero ser útil. Eu já estava querendo fugir faz tempo. Já faz vinte anos que eu moro com eles, e estão sempre querendo me casar. Aos quatorze anos eu já pensava em fugir, embora fosse uma imbecil. Agora eu já tenho tudo calculado e o esperava a fim de interrogar sobre o estrangeiro. Eu nunca vi nenhuma catedral gótica, quero ir a Roma, quero olhar todos os gabinetes dos cientistas, quero estudar em Paris; passei todo o último ano me preparando e estudando e li muitos livros; li todos os livros proibidos. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.483)

Nesta parte do romance Aglaia discursa para o príncipe tentando convencê-lo de acompanhá-la na empreitada de libertação da prisão familiar que tanto a atormenta e continuará a atormentá-la com o casamento tradicional planejado pela mãe. As queixas da menina apontam para os rituais burgueses ligados a busca do cônjuge, caso das feiras de caridade, atividades esportivas e bailes voltados para os jovens “casadourous”¹⁰, e as atividades fora do alcance de uma mulher, casada ou não. Estudar, ler livros, ser útil, não são atribuições da senhora do lar burguesa naquele século segundo os manuais de conduta e o consenso popular. Quanto às viagens, Fugier diz que se limitavam a “viagem de núpcias” (FUGIER, 2009, p.227) cujo destino, geralmente, era o interior do país e somente no início do século seguinte começaram a viajar para o exterior. Mas para viajar era preciso primeiro casar, algo que não está nos planos de Aglaia. Assim, tomando conhecimento dos pensamentos e ações dela, construímos a tese de que ela representa, em *O Idiota*, o ideal libertário feminino do amanhã. Já que sendo muito jovem Aglaia tem tempo para planejar e escolher a melhor forma de lutar pela sua liberdade e ainda evidenciar o interesse em ser útil, estudar e trabalhar com educação. São planos mais consistentes e menos drásticos como os de Nastácia. Além disso, o nome da moça dá uma boa pista da sua destinação, uma nota da edição do romance diz que “O próprio nome Aglaia (do grego *aglaia*) significa a brilhante, a resplandecente. O motivo da luz, da ‘nova aurora’ acompanha constantemente Aglaia.” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.485 –nota de rodapé), ou seja, ela é a esperança do nascer de um novo dia na “questão feminina”. O príncipe Míckhin disse a ela: “Nas trevas em que eu andava naqueles dias eu tinha sonhos... eu entrevia talvez uma nova aurora. Eu não sei como pensei em você como sendo a primeira.”. Portanto, essa personagem pode perfeitamente ser um eco do “diálogo” do futuro

¹⁰ Informação encontrada em FUGIER, 2009, p.218.

no presente, compartilhando a ideia de Nastácia Filíppovna. Essa ideia está flutuando na consciência de Aglaia, há o plano para concretizá-la, e o ensaio na forma de rebeldia doméstica, mas ainda não chegara ao estágio da ação como ocorrera com Nastácia e ainda havia o risco de desvanecer-se e conduzir a moça de volta ao tradicionalismo como ocorreu com Lisavieta. Na conclusão do romance, depois da trama principal concluída, o narrador diz que Aglaia, contra a vontade da família, casa-se com certo conde que a convenceu a filiar-se em um “comitê de restauração da Polônia” no exterior. Esse conde fez com que a jovem brigasse com a família e deixasse de visita-los. Cedeu ao matrimônio, mas com desaprovação da mãe, rebelde, mas dominada por homens a ponto de chegar ao “delírio” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p.682). Mesmo que a luz da “nova aurora” não tenha se mostrado tão otimistas a ideia seguiu a moça e, até onde sabemos, não acarretou em fatalidade.

Conclusão

Podemos perceber com essas mulheres que muito havia avançado, em relação ao século anterior, no processo de noivado e casamento. Já não era mais tão comum haver casamentos de “conveniência”, a mulher já tinha o direito de recusar um pretendente e a prática de oferecer dote enfraquecia-se cada vez mais. É claro que a liberdade conquistada é fracionária devido à lenta transformação da estrutura econômica, legal e política em relação aos direitos e deveres da mulher, mas, o que o autor “auscultou” e reproduziu era o início da insatisfação e das mudanças possíveis naquela sociedade. Inspirado pelas novas dinâmicas sócias desencadeadas pelas revoluções, Dostoiévski percebeu e se valeu do embrião da revolução sociocultural, que caminharia ainda a passos lentos no século seguinte, para dar forma aos marcantes personagens da sua obra. A mulher se deparou, naquele momento histórico, com mudanças promissoras nas condições legais e econômicas do seu gênero. Entretanto, a resistência cultural e religiosa, que por vezes se confundiam, dificultavam qualquer avanço significativo da liberdade da classe feminina. Em *O Idiota* Dostoiévski mostrou as ambições e dificuldades dessas mulheres na busca pelas liberdades, limitadas aos homens, em uma sociedade falocêntrica e tradicionalista. Mesmo as mulheres retratadas sendo fortes, determinadas e exercendo domínio sobre os homens que as rodeiam, em uma sociedade como aquela, onde a honra e a família estão acima de qualquer revolução ou rebeldia, o que era digno de nota e elogio no comportamento delas é convertido em defeito e desgraça. Esses conceitos tradicionalistas deixam o caminho dessas moças bifurcado. O autor russo mostra que a elas resta ou o ajuste as normas tradicionais e à família tradicional, ou seguir no caminho da desonra, degradação e morte. Aquelas mulheres foram postas ali não só para mostrar que havia uma “questão feminina”, mas também, estão para mostrar que havia uma oposição cruel e imperdoável dificultando tudo. Nessa obra brilhante de Fiódor Dostoiévski entendemos que aquelas personagens, com todos aqueles atos rebeldes, só querem a liberdade de encontrar a felicidade em vários caminhos e não limitar ao lar a alegria feminina. O feminino em *O Idiota* evidencia e questionam as dicotomias da sociedade oitocentista, a do indivíduo – homem e mulher, e a das mulheres – honrada e perdida. Concluimos com a convicção que o príncipe Míckhin tinha e queria passar para a sociedade

ao se relacionar com Nastácia deixando Aglaia de lado: “... em suas convicções, não havia nem mulheres perdidas nem beneméritas, havia apenas uma única mulher livre;” ¹¹.

¹¹ DOSTOIÉVSKI, 2002, pág.639.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini... [et al]. 7ª edição. São Paulo:Hucitec, 2014.
- BENJAMIN, Walter: Paris do Segundo Império. In: *Obras escolhidas. Vol. III*. Trad. José Carlos Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989.
- BEZERRA, Paulo. Prefácio do Tradutor. In. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Idiota*. 3ª edição. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 7-15.
- DAUPHIN, C. Mulheres sós. In. DUBY, G. e PERROT, M. (Org.). *História das mulheres no ocidente:século XIX*. Trad. Cláudia Gonçalves e Gito Gonçalves. Porto/ São Paulo: Afrontamento/EdBrasil, 1991. p.477-495.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Dostoiévski:Correspondências 1838-1880*. Porto Alegre: Sinverso, 2011.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Idiota*. 3ª edição. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FRAISSE, G. Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. In. DUBY, G. e PERROT, M. (Org.). *História das mulheres no ocidente:século XIX*. Trad. Cláudia Gonçalves e Gito Gonçalves. Porto/ São Paulo: Afrontamento/EdBrasil, 1991. p.59-95.
- FRAISSE, G. PERROT, M. Introdução: Ordens e liberdades. In. DUBY, G. e PERROT, M. (Org.). *História das mulheres no ocidente:século XIX*. Trad. Cláudia Gonçalves e Gito Gonçalves. Porto/ São Paulo: Afrontamento/EdBrasil, 1991a. p.8-20.

FRAISSE, G. PERROT, M. Idolatrias: Representações artísticas e literárias. In: DUBY, G. e PERROT, M. (Org.). *História das mulheres no ocidente: século XIX*. Trad. Cláudia Gonçalves e Gito Gonçalves. Porto/ São Paulo: Afrontamento/EdBrasil, 1991b. p.145-169.

FUGIER, A. N. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, M. (org.). *História da vida privada, 4: Da revolução francesa à primeira guerra*. Trad. Denise Bottman, Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.176-245.

PERROT, M. Outrora em outro lugar. In: _____. (Org.). *História da vida privada, 4: Da revolução francesa à primeira guerra*. Trad. Denise Bottman, Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a. p.14-17.

PERROT, M. A Família triunfante. In: _____. (Org.). *História da vida privada, 4: Da revolução francesa à primeira guerra*. Trad. Denise Bottman, Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b. p.79-90.

PERROT, M. Figuras e papéis. In: _____. (Org.). *História da vida privada, 4: Da revolução francesa à primeira guerra*. Trad. Denise Bottman, Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009c. p.107-168.

PERROT, M. Dramas e conflitos familiares. In: _____. (Org.). *História da vida privada, 4: Da revolução francesa à primeira guerra*. Trad. Denise Bottman, Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009d. p.246-267.

PERROT, M. À Margem: Solteiros e solitários. In: _____. (Org.). *História da vida privada, 4: Da revolução francesa à primeira guerra*. Trad. Denise Bottman, Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009e. p.268-282.